

BETAS E MINERADORES EM SÃO JOÃO DEL REI: IDENTIDADE E MEMÓRIA ATRAVÉS DE RELATOS ORAIS

ANA FLÁVIA NASCIMENTO PAES¹; LÚCIO MENEZES FERREIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – anafpaes@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – luciomenezes@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Propomos uma pesquisa com relatos orais sobre a história da mineração na cidade de São João del Rei (Minas Gerais), onde será possível trazer à superfície estudos sobre as culturas de grupos que sonharam em se enriquecer com o ouro da cidade e acabaram por produzir novos valores, novas maneiras de viver e sobreviver, embates políticos e econômicos.

O que difere e justifica o estudo proposto é o fato dessas escavações se localizarem dentro do terreno das casas de seus proprietários. Trata-se de Betas (mina subterrânea) que foram adquiridas há algumas décadas por pessoas que sonhavam em enriquecer com o ouro da cidade e construíam suas casas em frente às escavações e que por sua vez ainda continuam a fazer parte da história e tradição dessas famílias.

Temos como objetivo compreender a relação do ofício do minerador na transformação sócio, econômica e cultural na cidade São João del Rei, ou seja, o ofício do minerador na cidade e a cidade no ofício do minerador. Para isto trabalhamos principalmente com os conceitos de memória e identidade.

Assim sendo, os elementos tempo, memória e identidade tornam-se fundamentais para a construção de uma história sobre a cultura de uma cidade, sobre um tempo – forjado – que deixou como legado a penas os fatos documentados e divulgados sob a ótica singular do topo da pirâmide social. Cabe ao historiador reconhecer a essência do tempo e saber trabalhá-las de forma a “encontrar valores, culturas, modos de vida, representações, hábitos, enfim uma gama de variáveis que, em sua pluralidade, constituem a vida das comunidades humanas” (DELGADO, 2006).

A escassez de registros ditos oficiais sobre a atividade mineradora nas décadas em estudo (1930 – 1960), nos leva a questionar se esta atividade realmente se esgotou, pois ainda é possível ouvir alguns moradores contando histórias sobre as Betas que ficam no quintal de suas casas e sobre o cotidiano da prática mineradora.

Sendo assim podemos supor que por se tratar de uma atividade ilegal, estas histórias foram estrategicamente manipuladas ou tratadas de forma marginal pelo poder público.

2. METODOLOGIA

Este projeto constitui-se em um trabalho de campo na cidade de São João del Rei e transcorre através da história oral, na busca de depoimentos de um grupo informante, formado por mineradores, ex-mineradores e seus familiares. Estas fontes orais vêm nos ajudar a conhecer e compreender histórias que

ficaram no subterrâneo, pela imposição daqueles que selecionaram o que era viável de um registro e de uma lembrança.

O *corpus* documental para o desenvolvimento deste trabalho se encontra na mesma cidade e foi produzido, com exceção da obra de Burton (1976), por escritores dessa cidade¹. Este material nos permite esclarecimentos sobre a formação não apenas do espaço físico, como também da cultura e costumes de seus moradores, observando-se a constante presença do ouro na vida daqueles que ali se alojaram e também de seus sucessores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa ainda encontra-se em fase inicial, com análise conceitual, investigação de documentos referente ao tema e alguns esboços de entrevistas.

Procuramos trabalhar com três tempos distintos, mas que acoplados a memória de nossos entrevistados se entrelaçam e se tornam fundamentais para as identidades que caracterizam o grupo informante. São eles: o tempo que chamaremos da descoberta, a primeira fase, em que paulistas e emboabas se renderam aos veios de ouro encontrados na Serra, e logo em seguida deram início às inúmeras Betas. A segunda fase se caracteriza pela redescoberta das Betas que por volta das décadas de 1930 a 1960, foram novamente interpeladas por mineradores e aventureiros que fizeram ressurgir, talvez o maior de todos os mitos: a facilidade de se enriquecerem rapidamente com o ouro de São João del Rei. A terceira e última fase, é a do tempo presente que reforça o mito e nos leva a indagar qual a relação existente entre as histórias que permaneceram como únicas e verdadeiras e as novas problemáticas - tais como a questão ambiental, arqueológica, patrimonial e cultural - que eram inerentes às outras duas fases.

Os espaços entre os três tempos não revela o cessa das atividades auríferas, pelo contrário, elas continuam a existir, porém em menor proporção. A segunda fase (1930 – 1960) é a que mais oferece documentos sobre os mineradores, no entanto o que encontramos são registros que os apresentam em dois grupos: os que enriqueceram e os que perderam tudo, inclusive a vida em busca do “Eldorado”. Não encontramos estudos sobre os aspectos decorrentes da corrida ao ouro que ainda se fazem presentes na cidade, como por exemplo, a formação de vilas desprovidas dos mínimos recursos básicos.

4. CONCLUSÕES

Acreditamos que esta pesquisa poderá trazer à superfície estudos sobre as culturas de grupos de pessoas que sonharam em se enriquecer com o ouro de São João del Rei e acabaram por produzir novos valores, novas maneiras de viver e sobreviver, novas estruturas sociais, embates políticos e econômicos, uma vez que a atividade mineradora possui um caráter competitivo e capitalista. É uma discussão que perpassa a justificativa da sorte, a qual os poucos que percorreram sobre a história da mineração costumam trabalhar.

¹ Todos os documentos foram coletados na Biblioteca Municipal Baptista Caetano d’Almeida em São João Del Rei e não apresentam referência precisa, muitos são recortes ou trechos de livros com deficiência de informações como data e autor. Por este motivo adotamos a paginação do livro feito pelos funcionários da biblioteca com fragmentos dos documentos por eles encontrados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

- ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do Cpdoc**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- BOSSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- CANDAU, Joel. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina, (org). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro, Vertice, 1990.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 4^º Ed, 1996.

Artigo

- ANGIORAMA, Carlos I. El oro de la Puna: lavradores, socavones y mineros em el período colonial. Arqueología de la minería aurífera del extremo norte de la Puna de Jujuy (Argentina). **Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica** v. 6, n. 1. 2012.
- COSTA, Diogo M. Arqueologia da mineração nas Lavras do Abade: entre propostas e práticas. **Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica** v. 6, n. 1. 2012.
- GUIMARÃES, Carlos Magno. Mineração Colonial e Arqueologia: potencialidades. **Revista de Arqueologia**, Rio de Janeiro: SAB (Sociedade de Arqueologia Brasileira), v.9, p. 57, 1996.

Tese/Dissertação/Monografia

- SOBRENOME, Letras Iniciais dos Nomes. **Título da tese/dissertação/monografia**. Data de publicação. Tese/Dissertação/monografia (Doutorado/Mestrado/Especialização em ...) - Programa, Universidade.
- Ex.: KLEINOWSKI, A.M. **Produção de betacianina, crescimento e potencial bioativo de plantas do gênero *Alternanthera***. 2011. 71f. Dissertação (Mestrado em Fisiologia Vegetal) - Curso de Pós-graduação em Fisiologia Vegetal, Universidade Federal de Pelotas.
- REIS, Flávia Maria da Mata. **Entre faisqueiras, catas, e galerias: exploração do ouro, leis e cotidiano nas minas do século XVIII (1702/1762)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Fafich/UFMG Belo Horizonte.